

Você no Mercado de Trabalho





Centro de Políticas Sociais



VOCÊ NO MERCADO DE TRABALHO

Coordenação:
Marcelo Cortes Neri ¹

Versão Original: 9 de Outubro de 2008

¹ CPS, REDE e EPGE / Fundação Getúlio Vargas

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Fundação Getulio Vargas.

Você no Mercado de Trabalho/ Segunda etapa da Pesquisa Educação e Trabalho do Jovem no Brasil / Coordenação Marcelo Cortes Neri. - Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008.

[148]p.

**1. Jovem 2. Salário 3. Educação 4. Empregabilidade 5. Trabalho
6. Carreira I. Neri, M.C**

Apoio Instituto Votorantim

©MarceloNeri2008

VOCÊ NO MERCADO DE TRABALHO

Versão Original: 9 de Outubro de 2008

**Centro de Políticas Sociais
Instituto Brasileiro de Economia
Fundação Getulio Vargas**

Coordenação:

Marcelo Cortes Neri

marcelo.neri@fgv.br

Equipe do CPS:

Luisa Carvalhaes Coutinho de Melo

Samanta dos Reis Sacramento Monte

Carolina Marques Bastos

Celio Maymone Pontes

André Luiz Neri

Ana Lucia Salomão Calçada

Celso Henrique Pires da Fonseca

Sumário Executivo

Você no Mercado de Trabalho

O Índice-Você, carro-chefe da pesquisa, busca informar ao cidadão comum acerca de suas decisões de trabalho e estudo à luz dos retornos medidos no mercado de trabalho através de microdados de pesquisas recentes, aí incluindo a última PNAD e a PME de 2008. Este trajeto cobre a análise dos impactos sobre os salários e a empregabilidade individuais de investimentos em anos a mais de educação, da opção do tipo de profissão exercer, da cidade e do setor de atividade aonde trabalhar. A pesquisa disponibiliza um vasto banco de dados *on line* que permite a cada um perceber como o mercado está valorizando diferentes atributos trabalhistas. A pesquisa propicia ao trabalhador em geral e ao jovem em particular, a transformar informações estatísticas em orientação para a tomada de decisão. A pesquisa apresenta dispositivos interativos onde o internauta pode inserir suas características pessoais e obter simulações de como o seu potencial de mercado de trabalho varia de acordo com variáveis como nível educacional (e.g. pós graduação, universitário, médio etc.), carreira ocupacional (administrativa, engenharia, médica etc.), setor de atividade (financeiro, petróleo, etc.), características espaciais como estado, tamanho de cidade além de outros controles individuais como sexo, raça e idade. A pesquisa possibilita tomando os atributos do trabalhador conjunta, ou isoladamente, responder a perguntas simples tais como: Qual é o tipo de ocupação que paga mais? Como um ano a mais de educação impacta o salário percebido no mercado de trabalho? Quais são as localidades onde a possibilidade de ocupação está maior, ou as que estão crescendo mais? e etc.

A segunda parte da pesquisa aprofunda a análise dos determinantes decompondo como diferentes atributos individuais e trabalhistas afetam cada um dos principais determinantes que influenciam o rendimento que o indivíduo leva para casa, aí incluindo a jornada de trabalho, a educação, o retorno da educação, o desemprego e a participação no mercado de trabalho. Este exercício de desconstrução visa mapear como decisões individuais impactam cada um destes ingredientes trabalhistas clássicos. Em suma, buscamos nesta pesquisa não subsidiar a decisão de atores governamentais ou não governamentais, mas informar diretamente ao principal interessado, o jovem, nas suas escolhas acerca da educação e do trabalho. O sítio da pesquisa www.fgv.br/cps/iv oferece um amplo banco de dados com dispositivos amigáveis de consulta.

A etapa anterior do presente projeto de pesquisa implementado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/IBRE/FGV) com o apoio do Instituto Votorantim teve como principal inovação explorar uma atitude mais positiva em relação ao jovem, de enxergá-lo não como um problema em si, mas como parte fundamental da solução dos problemas nacionais e locais. Na fase anterior (www.fgv.br/cps/jovem) comparamos índices de felicidade futura (IFF) entre países, e outros índices associados ao tema juventude, educação e trabalho (IJETs) entre municípios brasileiros. Já a presente pesquisa busca permitir ao jovem brasileiro apreciar as condições de mercado de trabalho a fim de subsidiar a tomada de decisões desde uma perspectiva própria. O objetivo primordial agora é ajudar o jovem a tomar as suas próprias decisões. Mal comparando se as duas fases da pesquisa fossem películas de filmes a anterior teria o ângulo do observador de fora, enquanto na atual o olhar da câmera seria o do próprio jovem.

Sítio da Pesquisa

O sítio da pesquisa www.fgv.br/cps/iv disponibiliza um vasto banco de dados on-line que permite a cada um perceber como o mercado está valorizando diferentes atributos trabalhistas. Através de dispositivos interativos, ajuda ao trabalhador em geral e ao jovem em particular, transformarem informações estatísticas em orientação para a tomada de decisão.



Ao longo do texto apresentamos *links* para dispositivos específicos citados de forma a permitir que o leitor estenda os resultados e as análises a outras questões de interesse usando o texto como referência.

Prêmios Trabalhistas

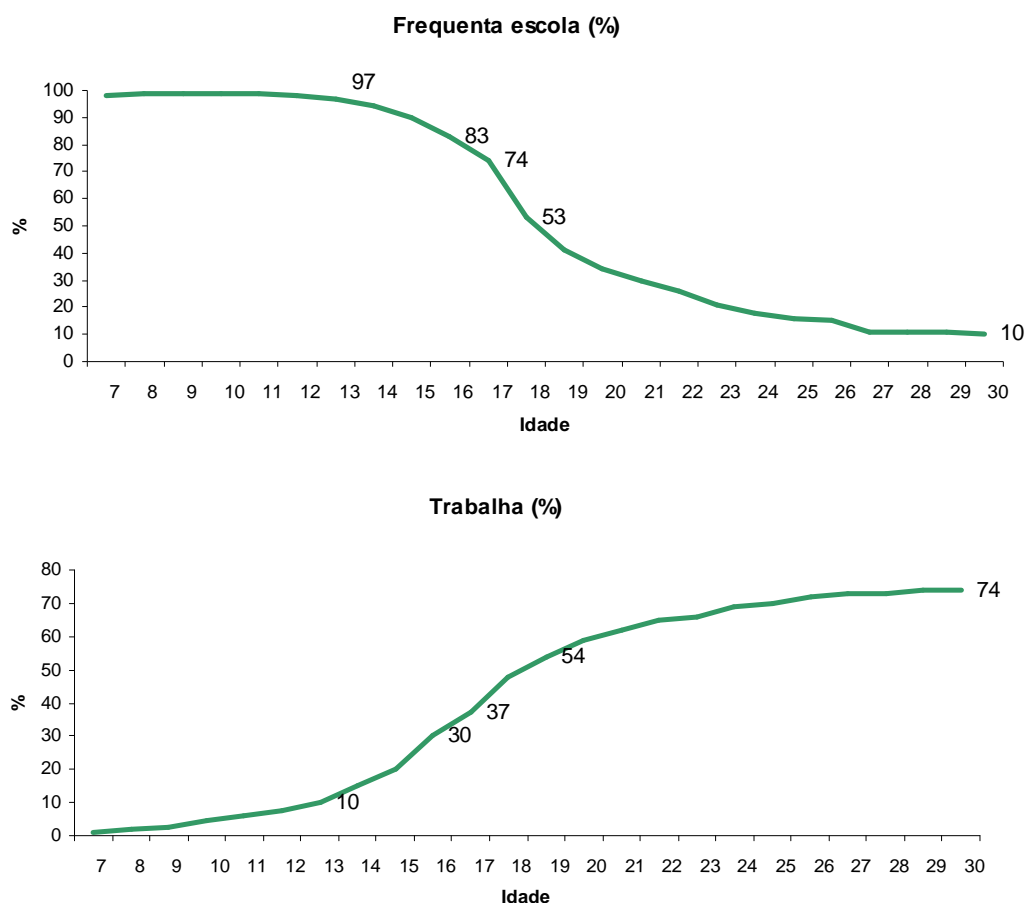
A analogia do investimento em capital humano com os outros tipos de investimento usada na literatura econômica sobre educação é procedente. É verdade que ativos reais, ou financeiros, não ficam desempregados, muito menos tem filhos, ou se aposentam, mas a comparação dos retornos é válida. Ao fim e ao cabo temos de colocar nossos ovos em alguma cesta, seja de produtos financeiros, seja na educação nossa de cada dia. No livro premiado *Strategic Asset Allocation*, John Campbell e Luis Viceira da Universidade de Harvard desenvolvem modelo de alocação de portfólio ao longo do ciclo de vida onde o capital humano é tratado como um ativo com propriedades particulares, mas colocado, lado a lado, com os demais ativos. Municiamos os jovens com este tipo de abordagem de retorno do investimento em educação ao longo deste trabalho. O trabalho busca permitir a cada pessoa analisar a sua realidade a partir de uma perspectiva local.

A base de dados mais importante explorada neste estudo é a PNAD incluindo a última edição recém-disponibilizada pelo IBGE, além da PME/IBGE até abril de 2008 que possui perguntas de mercado de trabalho semelhantes. A ênfase assumida aqui está em informar o jovem acerca do impacto de sua decisão sobre variáveis econômicas. Enfatizamos na análise os impactos sobre três variáveis de desempenho trabalhista: a renda do trabalho de quem está ocupado (salário), a empregabilidade (ou ocupabilidade) e a renda total do indivíduo (aí incluindo outras fontes não trabalho).

Ciclo de Vida

Transição Escola-Trabalho

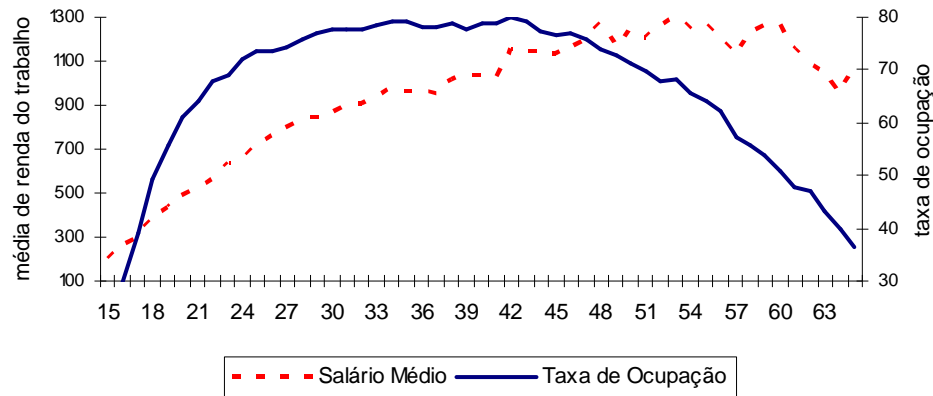
A juventude é aquela fase da vida algo intermediária, marcada por tons de cinza, situada na transição da criança para o mundo adulto, idealmente do estudo ao trabalho. Os gráficos abaixo evidenciam esta transição, captando a fase desde a primeira infância até os 30 anos de idade. Por exemplo, aos 13 anos de idade, que em algumas culturas marcam um ritual de passagem para adolescência (ex: *teenagers* nos EUA) a proporção que frequenta a escola é de 97% caindo para 74% aos 17 anos, quando sofre uma aceleração caindo para 53% já aos 18 anos de idade, e daí cai mais lentamente até atingir 10% aos 30 anos de idade. A proporção de pré-adolescentes que trabalham segue o sentido inverso, indo de 10% aos 13 anos de idade para 37% aos 17 anos, quando sofre uma desaceleração no crescimento ascendendo para 54% já aos 18 anos de idade e daí cresce mais lentamente até atingir 74% aos 30 anos de idade.



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Apresentamos agora o desempenho no mercado de trabalho sob a ótica do ciclo da vida. A taxa de ocupação cresce à medida que caminhamos a níveis mais altos de idade, atingindo o pico aos 42 anos (79,95%), tornando-se decrescente. Em termos de salário, o pico é de R\$ 1307 atingido por aqueles com 53 anos de idade.

Mercado de Trabalho e Ciclo da Vida - 2007



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Como vimos à juventude tal como determinada pela política pública no Brasil é uma fase de ascensão econômica. Agora qual é a opinião das pessoas de diversas idades acerca do seu respectivo trabalho em diversas etapas do ciclo de vida? Dados de pesquisa inédita nossa do Centro de Políticas Sociais feita para o Banco InterAmericano de Desenvolvimento (BID) utilizando dados do Gallup World Pool em 2007. Esta pesquisa contém perguntas sobre as atitudes individuais acerca de vários aspectos subjetivos da vida incluindo percepções relativas ao trabalho. A satisfação pessoal do indivíduo relativa ao seu próprio trabalho indica que o pico da satisfação profissional nos países das Américas coincide com o período onde as chances de ocupação e os salários são maiores. Ela sai de cerca de 10% aos 15 anos atingindo um patamar de 50% em torno do final da juventude e se mantém neste patamar pelos próximos 25 anos quando aos 54 anos quando começa a declinar voltando a atingir os patamares de 10% na fase final da vida.

Satisfação Profissional e Idade



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll 2007

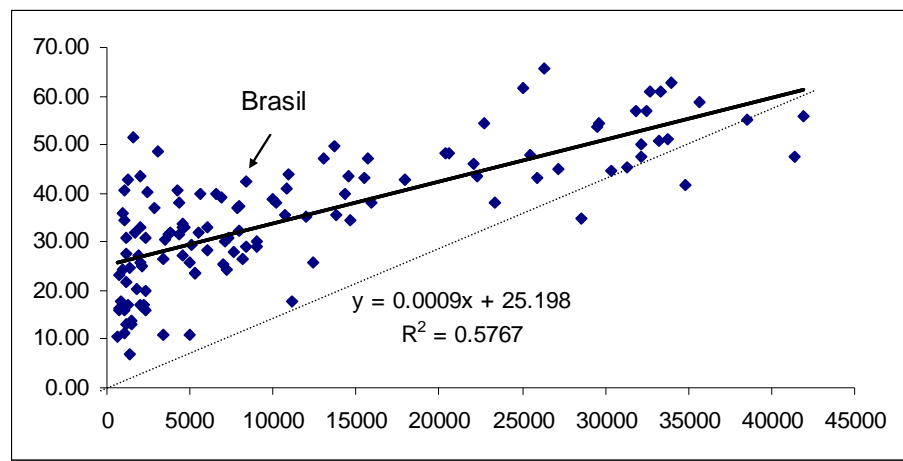
- Projeto CPS/FGV junto ao BID

O Brasil figura no número 40 no ranking mundial de satisfação profissional entre 128 países sendo o país situado em número 52 no ranking de PIB per Capita ajustado por

diferenças de custo de vida. Os líderes do Ranking são Kuwait, Dinamarca, Nova Zelândia, Canadá e Holanda. Os últimos do ranking de satisfação com o trabalho são: Chad, Malawi, Armênia, Geórgia e Mali com destaque inesperado para países ex-socialistas não tão pobres mas ainda assim com baixa percepção de qualidade do trabalho.

Uma segunda questão relativa percepção externa dos indivíduos acerca da situação do país em relação ao trabalho não depende de maneira clara com a idade. Estes atributos externos a pessoa não variam – nem deveriam variar a princípio - com características individuais como a idade. No ranking de percepções externas sobre a importância do esforço no trabalho na ascensão social. O Brasil figura no número 100 de 121 países. O país líder entre aqueles que acreditam na importância do trabalho duro é simbolicamente pelo nome Gana. O lanterninha do ranking é Lituânia, Polônia, Coreia do Sul, Cuba e Hungria repetindo a síndrome dos países socialistas.

Satisfação Profissional Pessoal % X PIB Per Capita



Extremos dos Rankings Mundiais Satisfação Pessoal e Percepções Externas - Trabalho

		Voce Está Satisfeito com o Trabalho que Faz?		As Pessoas no seu País Avançam Trabalhando Duro?	
Country		Country		Country	
1	kuwait	65,76	1	ghana	98,85
2	denmark	62,76	2	sri lanka	98,66
3	new zealand	61,63	3	rwanda	98,58
4	canada	60,78	4	cambodia	98,32
5	netherlands	60,78	5	morocco	97,29
40	brazil	42,29	100	brazil	68,50
124	mali	11,16	117	hungary	46,09
125	georgia	11,04	118	cuba	45,51
126	armenia	10,91	119	south korea	43,27
127	malawi	10,68	120	poland	40,37
128	chad	6,79	121	lithuania	32,29

Fonte:CPS/FGV a partir dos microdados do Gallup World Poll 2007

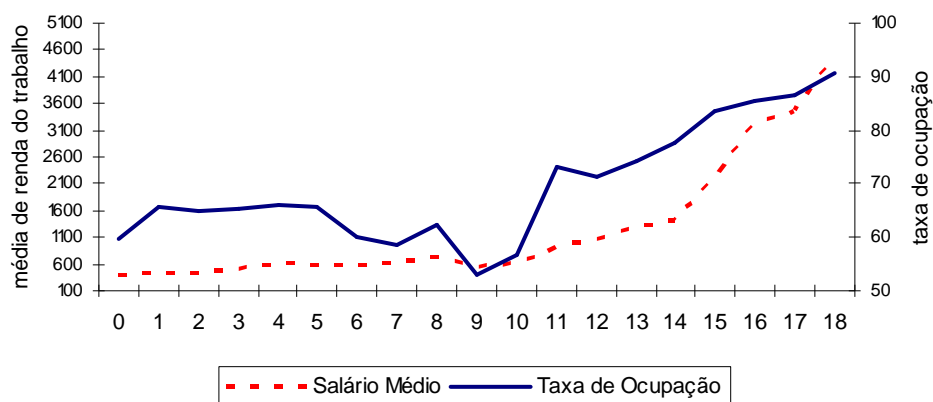
- Projeto CPS/FGV junto ao BID

Prêmios de Educação

O impacto da escolha individual a ser analisado se refere às mudanças observadas na inserção do mercado de trabalho. Olhamos agora o retorno do indivíduo mediante a análise do impacto do ensino da pessoa se ocupar e ao salário obtido no trabalho principal.

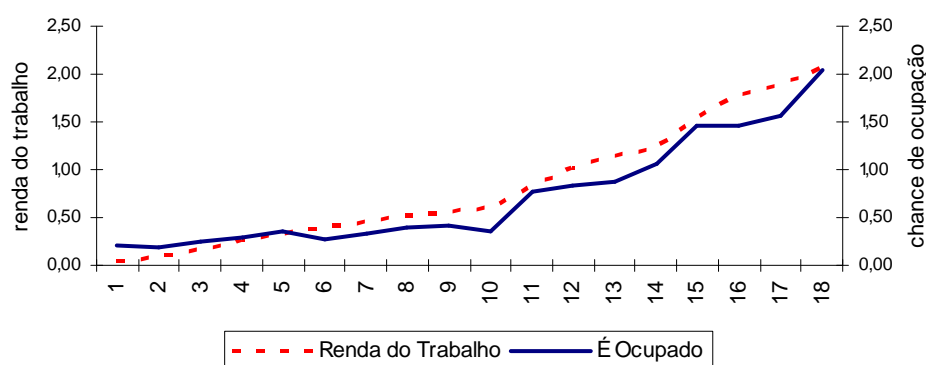
A tabela revela com clareza como a hierarquia educacional se reflete na trabalhista (leia-se ocupação e salários). Exemplo: indo desde os R\$ 392 de salário salário-hora dos analfabetos até os R\$ 4.455 de salário daqueles com 18 anos ou mais de estudo (os que já freqüentaram a pós-graduação). Similarmente, a taxa de ocupação entre os extremos do espectro educacional sobe de 59,8 % para aqueles que nunca passaram de um ano de estudo, até 90,73% daqueles com 18 anos ou mais de estudo. O que impressiona nesses dados é a regularidade do ranking com que cursos de nível mais alto apresentam melhor inserção trabalhista. Ou seja, a hierarquia dos níveis educacionais se espelha no ranking trabalhista.

Retorno Educacional por Anos de Estudo - 2007



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD 2007/IBGE

Retorno Educacional por Anos de Estudo - 2007 Razão Relativa*



Base= sem instrução

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD 2007/IBGE

Impactos Trabalhistas da Educação - 2007

Anos de Estudo Completos					Relação com	
	Taxa de Ocupação	Salário Trabalho Principal	Jornada Semanal	Salário-Hora	Chance de Ocupação*	Prêmio Salarial*
ed_0	59,85	392,14	37,81	2,42	1,00	0,00
ed_1	65,72	417,48	38,59	2,52	1,23	4,66
ed_2	64,86	451,27	38,45	2,74	1,21	8,82
ed_3	65,48	509,52	39,03	3,05	1,28	18,72
ed_4	66,00	611,75	40,20	3,55	1,33	32,27
ed_5	65,67	582,60	40,89	3,32	1,41	40,44
ed_6	60,16	586,53	40,70	3,36	1,30	49,29
ed_7	58,56	612,33	40,65	3,51	1,40	58,40
ed_8	62,20	717,11	41,45	4,04	1,48	68,85
ed_9	53,13	566,04	39,02	3,38	1,52	75,37
ed_10	56,67	637,33	40,08	3,71	1,43	83,97
ed_11	73,29	910,09	41,83	5,08	2,18	128,69
ed_12	71,35	1083,35	38,45	6,57	2,28	178,68
ed_13	74,42	1293,94	38,40	7,86	2,41	213,43
ed_14	77,73	1413,62	36,92	8,93	2,87	241,23
ed_15	83,58	2194,54	38,29	13,37	4,29	363,45
ed_16	85,40	3247,41	39,81	19,03	4,28	501,35
ed_17	86,55	3451,84	37,61	21,42	4,80	570,15
ed_18	90,73	4454,69	38,06	27,31	7,67	694,76

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD 2007/IBGE

Mesmo quando comparamos pessoas com as mesmas características sócio-demográficas — como sexo, idade, raça e geografia — menos a educação: os salários dos universitários é 544% superior ao dos analfabetos e a chance de ocupação 422% maior. Os prêmios impactos da educação sobre a renda do trabalho dos ocupados e a taxa de ocupação podem ser isolados a partir de simuladores: http://www3.fgv.br/ibrecps/IV/SIM_EDUC/index.htm

Panorama do Retorno Educacional

O site da pesquisa possibilita gerar informações para diferentes combinações de educação, características sócio-econômicas e grandes grupos de idade. Acesse o Panorama de Retorno http://www3.fgv.br/ibrecps/iv/TrabalhoPNAD_educa/index.htm. Pode-se escolher qualquer ano de estudo através da tecla Ctrl, usar filtros por grupos etários e escolher categorias de interesse. Analisando hoje a população em idade ativa, o crescimento do salário chega a 15,07% por cada ano adicional de estudo (variando de R\$ 402 para aqueles sem instrução a R\$ 5027 para os que tem 18 anos de estudo) e a taxa de ocupação cresce 3,38%.

15 a 65 anos (PIA)					
População Total					
Categoria	Anos de estudo	Renda Todas as Fontes =	Renda Total/Renda do Trabalho x	Salário dos Ocupados x	Proporção de Ocupados
Total	18 anos de estudo	4897,04	1,1347	5027,1	0,858
	Sem instrução	308,89	1,6301	401,82	0,472
	Retorno por Ano de Estudo (%)	16,59	-1,99	15,07	3,38

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD 2007/IBGE

O crescimento varia bastante ao longo da trajetória de acumulação educacional. No primeiro ano acumulado, o salário sobe 6,88% a.a., crescimento bem inferior ao apresentado por aqueles que já tem 16 anos de estudo e acumulam mais um (19,24%). Em termos ocupacionais, a taxa cresce 13,98% a.a. no primeiro ano contra 5,02% a.a. no último.

15 a 65 anos (PIA)					
População Total					
Categoria	Anos de estudo	Renda Todas as Fontes =	Renda Total/Renda do Trabalho x	Salário dos Ocupados x	Proporção de Ocupados
Total	1 ano de estudo	336,81	1,4581	429,46	0,538
	Sem instrução	308,89	1,6301	401,82	0,472
	Retorno por Ano de Estudo (%)	9,04	-10,55	6,88	13,98
15 a 65 anos (PIA)					
População Total					
Categoria	Anos de estudo	Renda Todas as Fontes =	Renda Total/Renda do Trabalho x	Salário dos Ocupados x	Proporção de Ocupados
Total	18 anos de estudo	4897,04	1,1347	5027,1	0,858
	17 anos de estudo	3738,01	1,0847	4216,08	0,817
	Retorno por Ano de Estudo (%)	31,01	4,61	19,24	5,02

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD 2007/IBGE

No site da pesquisa podemos avaliar essas mesmas informações por diferentes grupos sócio-econômicos. Apresentamos a seguir algumas informações espaciais, tais como tamanho de cidade (maior retorno área metropolitana 14,34%), tipo de setor censitário (maior setor não especial 15,09%), macro-região (maior Região Nordeste 17,04%).

Diferença em Diferença de Performance Trabalhista por Educação

A variável de maior interesse aqui são as dummies interativas entre faixas de educação e anos. Ela indica que houve uma redução crescente do retorno da educação. Isto é. Apesar de ainda expressivos, pessoas com mais educação passaram a receber um diferencial cada vez menor vis a vis as pessoas sem instrução. Por exemplo, o prêmio para aqueles com pelo menos ensino superior incompleto (12 anos ou mais de estudo) em relação aos sem instrução cai -0,125 no período em questão. O nível dos diferenciais são sempre positivos mas caem monotonicamente à medida que caminhamos para níveis mais baixos de educação.

A seguir, uma série de rankings construídos a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios que permitem ter uma visão geral do mercado de trabalho dos brasileiros (principais ocupações, salário e jornada para a população ocupada. Quando analisamos os salários, como já podíamos esperar as maiores quantias são recebidas por aqueles com nível superior. Os destaques são: juízes de desembargadores (R\$ 13.956), diretores gerais (R\$ 7.371) e médicos (R\$ 7029). Quando analisamos os jovens de 22 a 29 anos de idade, os médicos (R\$ 3.264) assumem a liderança. Note também o bom desempenho em termos de salário e dos jovens analistas de sistemas que sobem para a quarta posição no ranking (R\$ 2465), ou seja, refletindo os avanços tecnológicos, profissões de jovens mais ligadas à tecnologia têm boas chances de conseguir bons empregos. http://www3.fgv.br/ibrecps/iv/rank/Rank_tot_renda.xls

Ranking de Salários 2007 - População Total

20 Mais

Critério: Mais de 15 mil Ocupados

	2007 Total	ANO			População Total em 2007
		2002 Total	2004 Total	2006 Total	
1 Juizes e desembargadores	13956.00	9901.10	11213.00	12219.00	18667
2 Diretores gerais	7371.40	5836.90	5643.10	4928.00	48407
3 Médicos	7029.00	5902.10	6223.70	6514.40	237519
4 Dirigentes de empresas - empregadores com mais de 5 empregados	4268.00	4432.20	4108.10	4177.30	648068
5 Engenheiros eletroeletrônicos e afins	4266.70	4141.50	3433.20	3705.70	64473
6 Engenheiros civis e afins	4229.50	4130.60	3580.30	4042.50	125360
7 Outros engenheiros, arquitetos e afins	3736.20	3930.50	2372.50	3557.30	20815
8 Profissionais em pesquisa e análise econômica	3662.10	3860.10	3170.20	3264.00	63973
9 Engenheiros mecânicos	3551.70	3733.40	3541.90	4111.60	75504
10 Diretores de áreas de apoio	3497.40	3778.40	2979.20	4321.20	87306
11 Técnicos e fiscais de tributação e arrecadação	3461.00	2889.40	3044.40	3713.60	64680
12 Professores do ensino superior	3372.70	3841.60	3481.00	3646.90	229299
13 Agrônomos e afins	3277.00	4635.60	2724.50	2885.60	42545
14 Engenheiros químicos	3248.60	4100.90	2820.00	4096.20	15392
15 Analistas de sistemas	3182.30	3609.50	2833.60	3003.40	205123
16 Cirurgiões-dentistas	3131.30	3635.10	3250.20	3860.40	169068
17 Arquitetos	3108.90	2963.10	2076.10	2090.10	75611
18 Advogados	3009.10	3055.90	2737.60	3004.00	483825
19 Contadores e auditores	2998.20	3150.20	2711.90	3363.00	253587
20 Administradores	2949.00	3208.50	2806.90	2848.30	107443

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Os impactos da escolha ocupacional sobre a renda do trabalho dos ocupados podem ser isolados a partir do simulador gerados a partir de equações de salário mincerianas: http://www3.fgv.br/ibrecps/IV/SIM_OCUP/index.htm

Em termos de horas trabalhadas os destaques na população dos ocupados são: trabalhadores na navegação (51,88 horas semanais), condutores de veículos sobre rodas - distribuidores (51,73 hr) e médicos (51,57 hr).

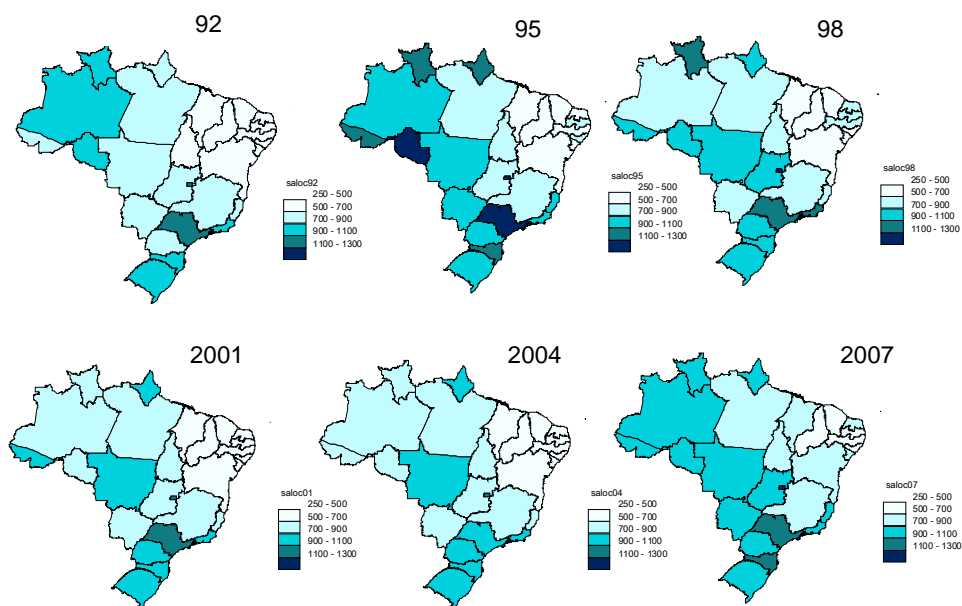
Decisões Espaciais

Uma variável de escolha para o trabalhador é o local onde ele pretende trabalhar. Apresentamos abaixo as estatísticas de escassez do mercado de trabalho abertas por unidade da federação.

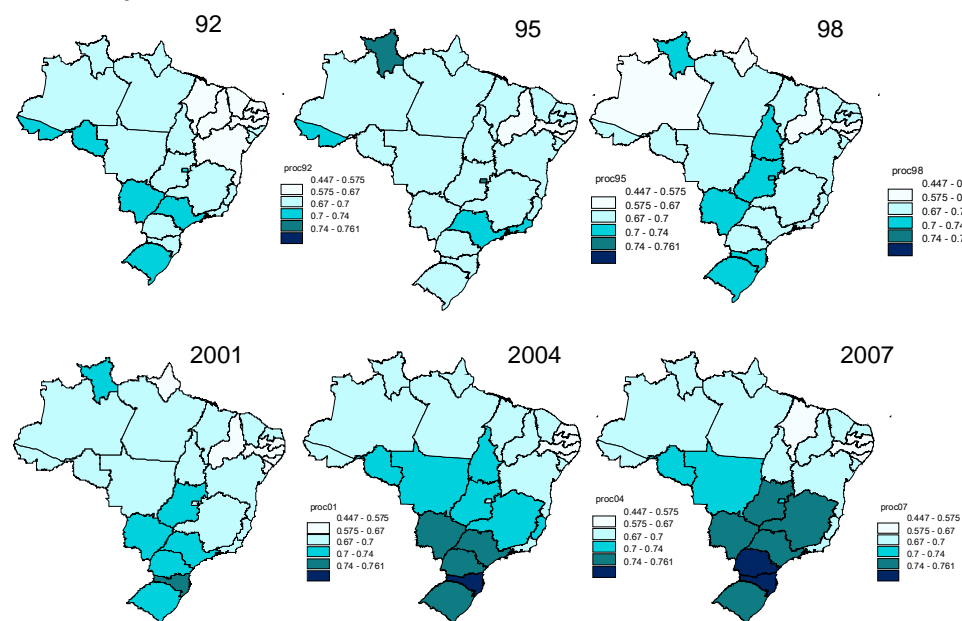
Taxa de Ocupação		Salário		Jornada semanal		Salário-Hora		Chance de Ocupação		Taxa de Retorno	
Total	67,04	Total	925,21	Total	40,18	Total	5,37	Total		Total	
UF											
1 SC	73,80	1 DF	1878,71	1 SP	42,11	1 DF	10,70	1 SC	1,29	1 DF	13,38%
2 PR	72,42	2 SP	1172,53	2 SC	41,92	2 SP	6,50	2 PR	1,28	2 SC	8,26%
3 RS	72,14	3 SC	1100,45	3 GO	41,40	3 RJ	6,25	3 RS	1,27	3 MT	1,99%
4 TO	71,22	4 RJ	1094,12	4 AP	41,36	4 SC	6,13	4 PI	1,18	4 SP	0,00%
5 PI	71,14	5 PR	1031,90	5 AM	41,05	5 AC	6,11	5 MS	1,16	5 RO	-2,37%
6 MS	71,09	6 AC	987,71	6 DF	40,95	6 PR	5,96	6 TO	1,12	6 AM	-3,30%
7 GO	69,17	7 RS	968,41	7 RJ	40,85	7 RS	5,55	7 MG	1,08	7 AP	-3,75%
8 MT	69,15	8 MS	954,63	8 RS	40,72	8 MS	5,51	8 RR	1,06	8 GO	-6,25%
9 MG	69,11	9 MT	914,78	9 MS	40,45	9 RO	5,32	9 GO	1,05	9 ES	-8,86%
10 MA	68,05	10 GO	912,82	10 PR	40,43	10 MT	5,28	10 MA	1,04	10 MS	-9,00%
11 RR	67,75	11 RO	909,89	11 MT	40,41	11 GO	5,14	11 AC	1,02	11 AC	-10,75%
12 SP	67,46	12 AP	893,29	12 PA	40,40	12 ES	5,12	12 CE	1,01	12 PR	-11,30%
13 ES	67,08	13 ES	884,93	13 ES	40,31	13 AP	5,04	13 SP	1,00	13 RJ	-12,46%
14 RO	66,21	14 AM	867,06	14 MG	40,27	14 AM	4,93	14 RO	0,99	14 RS	-13,21%
15 CE	66,21	15 MG	817,43	15 RR	39,93	15 MG	4,74	15 PA	0,95	15 RR	-16,01%
16 AC	66,09	16 RR	789,43	16 RO	39,91	16 RR	4,61	16 MT	0,95	16 MG	-18,28%
17 DF	65,74	17 TO	731,89	17 PE	39,34	17 TO	4,48	17 SE	0,91	17 PA	-23,47%
18 SE	65,45	18 PA	720,29	18 AL	38,78	18 PA	4,16	18 ES	0,89	18 TO	-24,07%
19 BA	65,14	19 AL	652,78	19 PB	38,37	19 RN	4,04	19 DF	0,89	19 SE	-29,46%
20 RN	65,00	20 RN	647,76	20 SE	38,20	20 SE	3,94	20 BA	0,87	20 AL	-31,05%
21 PA	63,24	21 SE	645,08	21 CE	38,19	21 AL	3,93	21 RN	0,84	21 RN	-33,30%
22 RJ	61,92	22 PB	609,69	22 TO	38,10	22 PB	3,71	22 RJ	0,79	22 BA	-34,28%
23 PB	61,70	23 PE	596,05	23 AC	37,73	23 BA	3,60	23 PB	0,79	23 PB	-37,72%
24 AP	61,40	24 BA	579,93	24 BA	37,55	24 MA	3,57	24 AP	0,77	24 PE	-39,64%
25 PE	60,45	25 MA	554,26	25 RN	37,38	25 PI	3,56	25 PE	0,75	25 MA	-40,58%
26 AL	59,47	26 CE	529,76	26 MA	36,19	26 PE	3,54	26 AM	0,71	26 CE	-47,21%
27 AM	58,85	27 PI	490,25	27 PI	32,09	27 CE	3,24	27 AL	0,70	27 PI	-56,22%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Salário



Ocupação



Entre as informações regionais da pesquisa, o trabalhador do Estado do Rio de Janeiro é o 4º do Ranking nacional de salário (R\$ 1095 por mês), mas como é apenas 7º em jornada de trabalho com 41 horas de labuta semanal, ocupa o 3º lugar do podium de salário-hora, logo atrás da líder Brasília e de São Paulo. Agora, quando a comparação é feita com pessoas com atributos iguais no Rio, onde a escolaridade é alta, a posição no ranking nacional de salário cai para 13º.

O Mapa das Carreiras Universitárias

A vantagem do Censo é a abertura de carreiras educacionais em 85 níveis distintos e pela abertura geográfica a nível de municípios e em alguns casos distritos e regiões administrativas. O tamanho da amostra do Censo de mais de 18 milhões de indivíduos permite explorar este grau de desagregação educacional/espacial. A questão central abordada na pesquisa é o mesmo desta aqui: qual o ganho relativo de diferentes carreiras universitárias? Os melhores cursos em termos de salário são Mestrado ou Doutorado em Administração (MBAs ou DBAs), em Medicina e em Economia. Os pós-graduados em administração foram os mais bem remunerados. Agora quando analisamos a probabilidade de conseguir um emprego o líder disparado é a pós-graduação de medicina cuja chance de ocupação é 18 vezes maior do que os sem escola. O podium da ocupação é completado pelos graduados em medicina e da computação, sinal dos tempos. O que impressiona na tabela é a regularidade dos rankings. Por exemplo, cursos completos, apresentam salários maiores que cursos incompletos seja no ensino fundamental, ou no ensino médio. A hierarquia dos níveis educacionais se espelha no ranking trabalhista. Você pode explorar combinações a partir de simulador: http://www4.fgv.br/cps/simulador/quali2/EducacaoxRenda/educacao_renda.htm.

Desconstrução Trabalhista

Diversas são as variáveis que caracterizam a performance trabalhista de um indivíduo aí incluindo ingredientes trabalhistas clássicos como escolaridade, retorno da educação, jornada, ocupação e participação. Uma dificuldade é a integração destes diversos componentes num arcabouço comum. Pois sempre estamos comparando laranjas com bananas. Isto é medidas baseadas em diferentes unidades como horas, com unidades monetárias e frações etc. Propomos aqui uma nova metodologia que mapeia os impactos da evolução de cada um dos principais ingredientes trabalhistas em termos do total de renda auferida individualmente pelos jovens e pelo conjunto de trabalhadores. A decomposição trabalhista aqui proposta constitui uma espécie de metodologia Lego - o brinquedo de montar - explicando os pedaços das mudanças de renda do trabalhador brasileiro. Esta metodologia simples e direta é aplicada tanto a nova PNAD como a PME de 2008.

A metodologia pode ser aplicada a sub-grupos da população abertos do brasileiro e geral ou de diferentes de jovens abertos por características tomadas uma a uma (panoramas) sejam elas individuais (sexo, idade), educacionais (anos de estudo), temporais (anos) e trabalhistas (posição na ocupação, tempo de empresa) etc.

$$\begin{array}{|c|} \hline \text{Renda} \\ \text{Total} \\ \text{(Individual)} \\ \hline \end{array} = \begin{array}{|c|} \hline \text{Renda Total/} \\ \text{Renda do} \\ \text{Trabalho} \\ \hline \end{array} * \begin{array}{|c|} \hline \text{Renda Trab.} \\ \text{dos Ocupados} \\ \hline \end{array} * \begin{array}{|c|} \hline \text{Taxa de} \\ \text{Ocupação} \\ \hline \end{array}$$

15 a 65 anos (PIA) - População Total					
Categoria	Ano	Renda Todas as Fontes =	Renda Total/Renda do Trabalho X	Salário dos Ocupados x	Proporção de Ocupados
Total	2007	690,9	1,1841	965,827	0,604
	2006	680,45	1,1991	940,325	0,603
	Taxa de Variação Anual (%)	1,54	-1,25	2,71	0,17

22 a 29 anos - População Total					
Categoria	Ano	Renda Todas as Fontes	Renda Total/Renda do Trabalho	Salário dos Ocupados	Proporção de Ocupados
		=	X	x	
Total	2007	530,7	1,0497	751,651	0,673
	2006	504,23	1,0571	713,164	0,669
	Taxa de Variação Anual (%)	5,25	-0,70	5,40	0,60

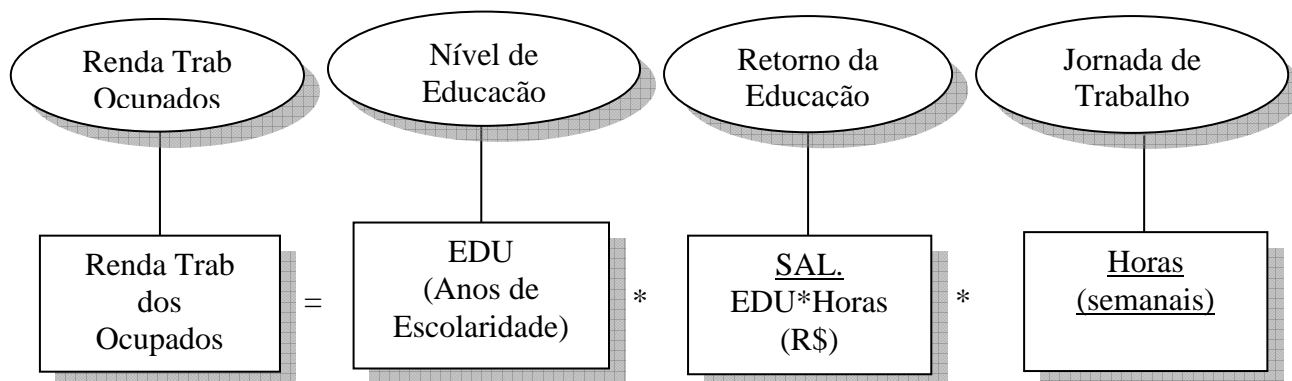
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Em seguida aplicamos o mesmo exercício anterior num intervalo maior de tempo para propiciarmos uma visão de prazo mais longo. Os dados revelam que o desempenho dos jovens foi inferior, mas próximo ao apresentado pela PIA, ou seja, o crescimento anual da renda entre 1992 e 2007, atingiu 1,39% a.a. nos jovens de 22 a 29 anos contra 1,84% a.a. na PIA. Olhando para cada um dos componentes, a variação relativa do salário foi menor para os jovens (0,83% contra 1,3% da PIA), enquanto que a taxa de ocupação foi ligeiramente superior (0,45% contra 0,34%).

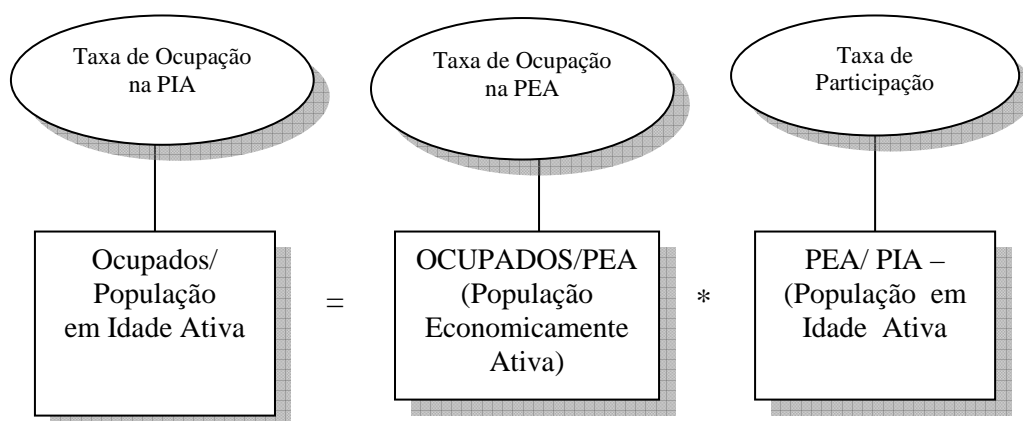
O site da pesquisa possibilita gerar essas e outras informações para diferentes combinações de anos, características sócio-econômicas e grandes grupos de idade. Basta acessar o Panorama de Decomposição (Ocupação x Renda) no link http://www3.fgv.br/ibrecps/iv/TrabalhoPNAD_simp/index.htm.

Passo 2 – Abrindo os ingredientes trabalhistas

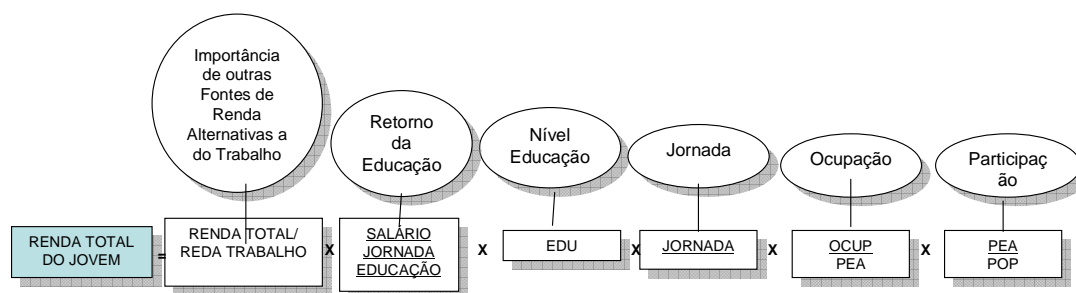
a. Decomposição do salário dos que estão ocupados:



Este tipo de distinção sobre o que impacta a renda é particularmente relevante. Por exemplo, aposto que entre uma duplicação de salário resultante de dobrar a carga de trabalho de o salário e outras onde as horas ficam paradas (e portanto o salário-hora cai a metade), a maioria das pessoas vai preferir o primeiro. Similarmente, aumentar a renda por que aumentou a escolaridade reflete a recuperação de um investimento em educação. Como veremos, o prêmio da educação no Brasil não só caiu porque aumentou a oferta na expansão educacional que se acelera a partir de 1995 como ele cai mais que aumentou a oferta, o que é até certo ponto surpreendente, refletindo a estagnação trabalhista pós 1997.



Neste exercício decomposmos a renda (incluindo outras fontes não trabalhistas) do jovem em diferentes pedaços a fim de analisar o impacto de cada componente no total. Ou seja, é possível estimar a renda total do jovem como resultado de um conjunto de fatores (salário, educação, retorno educacional, ocupação, participação no mercado de trabalho e da complementação de outras fontes de renda como aquelas advindas de programas sociais). Cada um destes fatores impacta de diferente forma a renda total observada. O esquema abaixo reúne as variáveis utilizadas (colunas do panorama):



PNAD 1992 a 2007

Apresentamos abaixo a aplicação desta decomposição no âmbito nacional para todo período de análise da PNAD. Conforme já vimos anteriormente, houve um aumento da renda média auferida individualmente por cada jovem que passa de R\$ 432 para R\$ 531 no período, um aumento de pouco mais de 1,39% por jovem. Agora o que explica esta variação de renda. Em primeiro lugar e mais importante os fatores expansionistas ligados ao nível de escolaridade de 2,21%. (passa de 6,9 anos completos de estudo em 1992 para 9,6 em 2007) e os fatores contracionistas associados a deterioração redução da capacidade de cada jovem ocupado transformar esta maior educação em renda trabalhista de -1,19% a.a.. Isto quer dizer que se tudo mais ficasse constante (retorno, jornada, ocupação, outras rendas etc) a renda do jovem deveria ter subido 2,21% a.a. neste período. Entretanto, a redução do premio educacional fruto da estagnação trabalhista roubou parte desse ganho. Ou invertendo a análise, se a quantidade de educação do jovem não tivesse aumentado e tudo mais constante, a renda do jovem teria contraído a taxa de -1,19% a.a. por conta desta redução do retorno da educação fruto da estagnação trabalhista.

Houve uma redução da jornada de trabalho de -0,17% a.a. correspondente a queda de 43,6 horas semanais em 1992 para 42,6 em 2007. Apesar da onda demográfica jovem que adentra a estrutura etária brasileira neste período mais longo de 1992 a 2007, os

deslocamentos ocupacionais acumulados são ainda menos expressivos a taxa de participação sobe 0,36% a.a. e a taxa de ocupação sobe 0,09% a.a. Finalmente, há uma tendência expansionista de outras fontes de renda, em particular aquela provinda de programas sociais de 0,12% a.a. que isoladamente explicariam crescimento acumulado da renda do jovem. Em suma os grandes fatores de mudança educacionais associados são o aumento da quantidade de educação e a redução do prêmio obtido por cada unidade de anos de estudos completada, como estes efeitos se cancelam entre si em boa medida, há uma estagnação da renda trabalhista percebida por cada jovem.

15 a 65 anos								
População Total								
Categoria	Ano	Renda de Todas as Fontes =	Renda de Todas as Fontes / Renda de Todos os Trabalhos x	Salário-Hora por Anos de Estudo dos Ocupados x	Anos de Estudo dos Ocupados x	Horas Trabalhadas x	Taxa de Ocupação na PEA x	Taxa de Participação no Mercado de Trabalho
Total	2007	690,9	1,1841	2,737	8,3	42,512	0,827	0,731
	1992	525,46	1,1497	3,069	5,944	43,595	0,804	0,714
	Taxa de Variação Anual (%)	1,84	0,2	-0,76	2,25	-0,17	0,19	0,16

22 a 29 anos								
População Total								
Categoria	Ano	Renda de Todas as Fontes =	Renda de Todas as Fontes / Renda de Todos os Trabalhos x	Salário-Hora por Anos de Estudo dos Ocupados x	Anos de Estudo dos Ocupados x	Horas Trabalhadas x	Taxa de Ocupação na PEA x	Taxa de Participação no Mercado de Trabalho
Total	2007	530,7	1,0497	1,839	9,583	42,645	0,828	0,813
	1992	431,58	1,0316	2,2	6,9	43,758	0,817	0,77
	Taxa de Variação Anual (%)	1,39	0,12	-1,19	2,21	-0,17	0,09	0,36

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

PME 2002 a 2008

Os dados revelam que após anos de crise metropolitana e/ou de desemprego que começam por volta dos efeitos da Crise Russa em 1997, as maiores cidades brasileiras estão em ampla expansão trabalhista. Analisando em bases anuais o período de marcada recuperação de 2004 a 2008 notamos um aumento anual da renda do indivíduo de 22 a 29 anos de 8,9% ao ano nas áreas metropolitanas, patamar próximo ao apresentado pela PIA (8,29%). Destes 4,75% (4,66%) foi recuperação do prêmio da educação dos jovens (da PIA), 2,02% (1,44%) a.a. de anos de estudo sendo rivalizado pelo efeito do aumento da taxa de ocupação na PEA de 1,55% (1,61%) a.a. O impacto adicional de aumento da taxa de participação sobre a taxa de ocupação é positivo 0,68% (0,63%) a.a. ou de redução da jornada 0,3% (0,24%) a.a. sobre a renda do trabalho de quem está ocupado são ambos relativamente modestos.

15 a 60 (PIA) - População Total							
Categoria	Ano	Renda de Todos os Trabalhos =	Salário-Hora (Renda Positiva) por Anos de Estudo	Anos de Estudo	Horas Trabalhadas	Taxa de Ocupação na PEA	Taxa de Participação no Mercado de Trabalho
			x				
Total	2008	717,09	2,959	9,576	42,17	0,884	0,679
	2002	444,73	2,252	8,787	42,784	0,803	0,654
	Taxa de Variação Anual (%)	8,29	4,66	1,44	-0,24	1,61	0,63

22 a 29 anos - População Total							
Categoria	Ano	Renda de Todos Trabalhos =	Salário- Hora (Renda Positiva) por Anos de Estudo	Anos de Estudo	Horas Trabalhadas	Taxa de Ocupação na PEA	Taxa de Participação no Mercado de Trabalho
			x	x	x	x	
Total	2008	616,53	1,99	10,688	41,9	0,862	0,803
	2002	368,86	1,506	9,479	42,674	0,786	0,771
	Taxa de Variação Anual (%)	8,94	4,75	2,02	-0,3	1,55	0,68

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

No site da pesquisa é possível analisar a decomposição trabalhista para diferentes grupos etários e características sócio-econômicas isoladas: http://www3.fgv.br/ibrecps/IV/RETCM_TrabalhoPNAD/index.htm ou isolando o impacto de variáveis explicativas em cada um destes componentes através de simulador: http://www3.fgv.br/ibrecps/IV/SIM_DEC_PNAD/index.htm